

Попр /п
S 628

SKOVORODA



FÁBULAS

GHRYPGHORY SKOVORODÁ

FÁBULAS

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1978

Tradução do Ucrainiano: Wira Selanski

Revisão: Gélson Clemente dos Santos

Capa: WW

GHRYPHORY SAVYTCH SKOVORODÁ, POETA E SÁBIO

Com seu embrulho nas costas, preso ao bastão de peregrino, Skovorodá percorria a pé cidades, aldeias, campos, bosques, florestas e meditava em pomares de seus amigos que o abrigavam por um certo tempo, cedendo-lhe lugar em cabanas de seus apiários. Era sempre alegre: cantava com sua bela voz louvores ao Criador, tocava flauta, lira, arpa, cítara, bandura e violino. Era uma alma cristalina, suportava sua pobreza exterior com serenidade, vivendo uma vida mística: rezava, ensinava, lia e relia a Sagrada Escritura, praticava virtudes cristãs. Levantava-se ainda com estrelas, dormia só quatro horas por noite, comia e bebia pouco. Assim passava a vida Ghryghory Savytch Skovorodá, filho de Deus e da natureza.

Não se tratava de um destes filósofos populares primitivos que recebem intuitivamente o dom da sabedoria com o leite materno. Skovorodá era um grande erudito: falava correntemente além do Ucrâniano, que era sua língua nativa, o Latim, o Grego, o Russo, o Alemão, e seus escritos possuem citações de Hebraico, Sírio, Turco, Esloveno, Polonês e Francês. Escrevia tratados filosófico-religiosos, diálogos (que às vezes possuem forma de autos), odes, canções, fábulas, e fazia traduções de autores gregos e latinos. Costumava copiar cuidadosamente seus escritos e enviá-los a seus discípulos ou benfeitores. Também suas cartas possuem caráter de obras literário-didáticas.

Era pleno século XVIII, conhecido por ser uma época racional que constantemente apelava à inteligência, à ciência, às matérias exatas, banindo das Letras tudo que só de longe pudesse cheirar a misticismo, à fantasia, a mito; exagerando, assim, no seu zelo e empobrecendo possibilidades criadoras dos contemporâneos. Este tempo, muito louvável em tantos aspectos, pois que torna o pen-

samento humano independente e verdadeiramente responsável, comete, com seu empolgação científico, certos erros, cuja gravidade será notada somente no decorrer dos séculos futuros.

Em primeiro lugar, as idéias racionalistas dirigem o pensamento humano em direção ao materialismo que rapidamente se apodera das mentes na Europa Ocidental. Não é mais a sabedoria divina, e sim a razão humana que deve dar resposta a todos os fenômenos, tanto no domínio da física (o que é natural), como nas questões mais complexas, como as biológicas, psíquicas, sociológicas, até artísticas e religiosas! Como base servia a idéia da igualdade de todos os homens, ou mais exatamente: sua uniformidade, partindo da premissa de que o ser humano é por natureza bom e que seus vícios e crimes não passam de erros de cálculo, gerados pelas condições sociais desfavoráveis.

Os princípios cristãos de igualdade, liberdade, fraternidade recebem um outro colorido, sendo interpretados por uma filosofia meramente humana, portanto sujeita a falhas e frustrações. Estes mesmos princípios serviram como base teórica à Revolução Francesa, para tornar legítimo um transtorno político-ideológico na maior parte da Europa. A razão humana que tomou lugar no pedestal da sabedoria divina solta a “liberdade” desenfreada e produz um tal caos que só Napoleão com seu punho férreo conseguirá dominar. A idéia de “igualdade” será usada como necessidade para o extermínio da aristocracia. Os contemporâneos de Danton e Robespierre pareciam ignorar que novamente havia duas classes: a dos opressores e a dos oprimidos, embora então com os papéis invertidos. A adulada “fraternidade” resultou em fratricídio dos franceses e depois em massacre de outros povos, nas guerras napoleônicas. (Os frutos desta inversão das leis divinas em leis humanas podemos observar até hoje, quando, em nome de ideais mais altos, se praticam crimes mais desumanos nas prisões, nos campos de concentração e nas clínicas psiquiátricas.)

A situação no Sudeste da Europa parecia, no princípio, mais favorecida. No século XVII ainda, a Ucrânia, conquistando sua liberdade nacional, era uma terra de rica tradição e cultura. O país estava coberto por uma

rede densa de escolas, nas quais se ensinava as línguas ucraniana-antiga e a eslava-antiga (idioma da liturgia ortodoxa). A educação e o nível cultural do povo eram tão elevados que o sábio peregrino árabe, Paulo de Aleppo (cujo verdadeiro nome era Bulos-al-Khalebi e cuja autoridade nem Lenin pôde negar nos anos futuros), atravessando a Ucrânia no ano de 1652, anotou: “Por toda a Terra dos Cossacos, notamos um aspecto belíssimo que suscitou nossa admiração: todos eles, com poucas exceções, até mesmo a maioria de suas mulheres e filhas, sabem ler, conhecem a ordem de sua liturgia e os cânticos sacros; além de tudo, seus sacerdotes ensinam aos órfãos e não permitem que estes se tornem ignorantes e vagabundos da rua.”

Para submergir a Ucrânia na treva de total analfabetismo, o tzarismo russo precisou de 200 anos. . .

No tempo de Skovorodá, a Ucrânia estava incorporada ao Império Russo que não visava com olhar benévolo as culturas nacionais. O governo fazia tudo para tirar das escolas o idioma ucraniano-antigo e os escritos eslavo-antigos, substituindo os mesmos pelos russos. Como resultado disso, a língua ucraniana erudita tornou-se quase desconhecida do povo. Sobreviveu o idioma popular, ligado intimamente à tradição milenar da Ucrânia que produziu uma fonte inesgotável de cânticos de Natal, de Epifania, de Páscoa, de Primavera, de Kúpalo, de Russáliyi, provenientes em sua grande parte ainda dos tempos pagãos. Foi este tesouro nacional que alimentou a alma do filósofo Ghryghory Skovorodá, um dos maiores conhecedores da língua ucraniana no seu aspecto léxico-semântico. Sua obra, embora erudita, está semeada de provérbios, anedotas, parábolas, lendas, elementos de contos de fadas — tanto folclóricos como originais, mas compostos segundo os padrões populares.

Ghryghory Skovorodá, filho de Sava, nasceu em 1722 na família de livres cossacos ucranianos, na aldeia de Tchernukhy, região de Lubny, e morreu em 1794 na aldeia de Ivaniwtsi, região de Kharkiw. A partir do seu sétimo ano de idade, demonstrou forte inclinação para a música e os estudos teológicos. Como cantor-solista na sua igreja natal, aprendeu a escrita musical, entrando com dezesseis

anos de idade na famosa Academia de Kyiw, onde se destacou nos estudos por sua brilhante inteligência.

Esta instituição foi fundada no ano de 1615, com o nome de Escola da Irmandade de Kyiw, e seu nível era tão alto que a mesma data é considerada como o início dos estudos superiores na Ucrânia. Em 1631, o metropolitano Petró Moghyla fundiu a Escola da Irmandade e a Escola do Mosteiro da Petcherska Lawra em Kyiw num único Colégio Kyiwo-Moghylano. A partir do ano de 1694, este principiou a ser denominado Academia de Kyiw, e de 1819 em diante — Academia Espiritual de Kyiw. Hoje, esta instituição histórica, orgulho da nação ucraniana, está transformada em hospital.

Com dezenove anos de idade, Skovorodá foi chamado à corte de St. Petersburgo, para fazer parte do famoso coro imperial. A tsarina Elizabeth, então no governo, era secretamente casada com o irmão do ghet'man dos cosacos ucranianos, Rosumowsky, e amava a música. Dois anos mais tarde, ela visitou Kyiw com seu afamado coro. Uma vez de volta à sua pátria, Skovorodá não quis mais voltar à Rússia.

Em breve, ele foi chamado para acompanhar uma missão à Hungria que devia fazer estudos vinícolas, especializando-se nos vinhos de Tocaya. Mal fora do Império, Skovorodá colocou nos ombros sua trouxa, empunhou o bastão e foi “aprender a Europa”, visitando a pé Polônia, Eslovênia, Alemanha, Áustria e o Norte da Itália. Ele assistia aulas de célebres professores, aprendia diversos sistemas filosóficos e, depois de dois anos e meio, saudades e pobreza o impeliram de volta aos recintos pátrios. Nesta ocasião, Skovorodá conheceu com bastante profundidade as disciplinas do seu tempo, em particular as Ciências Naturais.

De volta à Ucrânia, Skovorodá se tornou professor de Poética e Literatura no Colégio de Pereyaslaw, mas o reitor do mesmo exigia um ensino nos moldes e métodos convencionais; o filósofo não se submeteu às exigências rígidas do bispo, respondendo: “Alia res sceptrum, alia plectrum” (Uma coisa é o báculo, outra a flauta do pastor). Irritado com tal irreverência, o reitor despediu o mestre. Aliás, isso se repetiu muitas vezes com este pensador

humilde mas consciente de seu valor e ansioso de manter sua liberdade perante autoridades mundanas e religiosas. Detestava ostentações, futilidades e o espírito de laiaço que se rebaixa diante do mais poderoso. “Eu não prezo e não respeito não só tzares do tipo de Herodes, mas tzares de qualquer espécie”, diz uma carta sua a M. Kowalinsky. Uma outra, escrita a Ghervasy Yakubovytsch, confessa: “Meu coração está mais longe da adulação do que a China de Portugal.” Bem via ele, com seus olhos críticos e humor inato, que nem tudo estava como devia estar no Império, particularmente entre o clero, comentando: “Alguns entraram nos paramentos sem vocação e, não sendo cogumelos, acomodaram-se na cesta” (Carta a Vassyl Maksymovytsch).

Mais tarde, Skovorodá se tornou tutor de Vassyl, filho do fidalgo Stepán Tamara, cuja esposa não via de bom grado o fato de seu filhinho mimado ser recriminado pelo professor. Este foi despedido, novamente. A partir de então, ele não demorava em lugar nenhum e vivia uma vida seráfica de filósofo ambulante sem casa e sem família, ora visitando escolas superiores, onde trabalhava por pouco tempo, ora parando nas casas amigas, porém sempre mantendo com grande zelo sua independência pessoal, para poder continuar sendo ele mesmo.

Em 1764, ele viveu um certo tempo no Mosteiro de Petcherska Lawra em Kyiw, sendo convidado a unir-se àquela confraria. Skovorodá declinou o convite e abandonou a capital ucraniana, prevendo uma epidemia de peste que haveria de irromper em seguida.

Em 1766, o filósofo tornou-se professor no Colégio de Kharkiw que se transformou mais tarde, graças aos donativos de seus discípulos abastados e, especialmente, graças à organização e aos cuidados do entusiasta Vassyl Karazyn, em primeira Universidade da Ucrânia. Skovorodá ensinava aí Moral e Grego, mas também não por muito tempo, preferindo sempre sua existência errante aos cargos fixos.

M. Kovalinsky, na VIDA DE GHRYGHORY SKOVORODÁ, conta vários episódios interessantes:

Um dia, o governador da cidade de Kharkiw, que muito o estimava, convidou-o para uma festa em sua honra

e lhe perguntou, porque não aceitava um emprego fixo, uma posição. O filósofo respondeu: “O mundo parece um teatro. Para ser digno de sucesso e de louvores, é mister escolher um papel segundo nossas aptidões. Eu meditei por muito tempo acerca desta questão e cheguei à conclusão de que no teatro de nossa vida eu não poderia representar, com sucesso, nenhum papel a não ser o meu próprio que é humilde, simples, solitário e livre de sofrimento...”

Numa outra ocasião, o governador de Kharkiw lhe perguntou o que ensina a Bíblia. Skovorodá respondeu: “Os livros sobre a arte culinária nos ensinam como satisfazer o nosso ventre; os livros de caça, como matar os animais; os livros do mundo, como devemos nos vestir. A Bíblia, no entanto, nos ensina como enobrecer o coração do homem.”

Skovorodá era vegetariano, mas não fazia de sua abstinência de carne e vinho uma doutrina. Acusado da heresia de Manes, respondeu: “Cada espécie de alimento ou bebida é boa, mas deve-se levar em consideração o tempo, o lugar, a medida e a pessoa. Não seria um mal dar a uma criancinha que toma ainda o seio materno um copo de aguardente? E não seria ridículo oferecer a um lenhador que trabalhou o dia inteiro no frio um copo de leite, para animá-lo?”

Nos últimos vinte e cinco anos de sua vida, o sábio foi denominado por brincadeira e com admiração “Universidade ambulante” ou “Academia vagante”. Era um professor muito cotado, ambicionado por várias instituições que se esforçavam em vão em prendê-lo. Foi neste tempo que ele compôs suas obras: FÁBULAS DE KHARKIW, NARCISO, ALFABETO, POMAR DE CÂNTICOS e outras.

Em 1794, diz a tradição oral, os amigos de Skovorodá debalde o aguardavam para o jantar. Inquietos, foram procurá-lo e o encontraram no pomar, cavando sua própria cova. Ele lhes explicou que iria morrer em breve e pediu que gravassem na lápide tumular as palavras: “O mundo me queria prender, mas não me alcançou”. Ele chegou a se confessar e comungar, e no dia seguinte foi encontrado morto no seu quarto, com a pobre trouxa de roupa embaixo da sua cabeça.

Ainda durante sua vida, suas obras foram copiadas a mão e gozavam de grande prestígio entre seus amigos e admiradores. Somente após a morte do filósofo foi publicado seu tratado NARCISO, em 1798. Em 1861, saiu em St. Petersburgo uma seleção de suas obras. Seguiram-se várias edições, mas a primeira que continha todas as suas obras então conhecidas realizou-se apenas cem anos após sua morte, em 1894. A obra completa, contendo também cartas e outros documentos achados posteriormente, foi publicada pela Academia de Ciências e Letras de Kyiw, em 1961. Esta peça, no entanto, pela tendência em querer transformar um pensador místico, cristão, profundamente idealista, num pensador livre, precursor do materialismo. Uma outra edição, POMAR DE CÂNTICOS, Kyiw, 1968, substituiu sumariamente o termo “Deus” por “Natureza”, cortando todos os ensinamentos cristãos nas fábulas do filósofo. Esta tentativa de transformar o branco em preto é antes de tudo ingênua, já que, segundo a informação do Prof. George Roussow, no seu trabalho G. S. SKOVORODA ET SA LUTTE CONTRE LE MATERIA-LISME, Montreal, 1957, existem cerca de 750 obras sobre Skovorodá, em vários idiomas.

A influência de sua filosofia se faz notar, especialmente, na primeira parte do século XIX, quando a Europa quase inteira já estava dominada pelas idéias materialistas. Escritores e poetas ucranianos, tais como I. Kotlarewsky, Tarás Chewtchenko, Nikolai Gogol e outros são tocados por seu espírito místico. Os “Irmãos de Cirilo e Metódio”, amigos do gênio romântico ucraniano Tarás Chewtchenko (tão parecido em seu idealismo humanitário com o brasileiro Castro Alves), também proclamaram a divisa “liberdade-igualdade-fraternidade”, mas baseada na sabedoria cristã, não na razão humana. Este ensinamento retomaram na Literatura Russa, os pensadores V. Solovióv, N. Berdiaiev, os escritores L. Tolstói e F. Dostoievski, e nos tempos mais recentes, entre outros B. Pasternák e A. Soljenitsyn. Foi uma lástima incalculável que o regime czarista russo tivesse tido tão pouca previsão histórica e dissolvesse o grupo da Irmandade Cirilo-Methodiana, prendendo seus componentes nos anos 1845-1847 e punindo-os severamente com prisões e desterros, favorecendo com

este ato desumano a penetração de idéias materialistas no Leste da Europa.

O materialismo examina o ser humano como um conjunto de funções minerais, vegetais e animais, frisando o conceito de “massa” uniforme que executa vários trabalhos coletivos, mas deixa de lado o homem com seu enigma de unicidade, seu signo divino, semelhante mas irrepitível em cada indivíduo e como tal inatingível na sua essência pelas ciências exatas.

Vejamos, em contraponto, as principais idéias de Skovorodá:

O universo se compõe de duas naturezas: uma visível e outra invisível. A natureza visível se chama “matéria” (a criatura e tudo o que foi criado) e a invisível se chama “Deus”. Esta natureza invisível penetra e mantém toda a criatura: ela sempre existia, existe e existirá. O universo é sem princípio e sem fim (SOBRE DEUS).

Para perceber e compreender o mundo invisível, é necessário conhecer-se a si mesmo, descobrir através da matéria visível do nosso corpo o ser invisível, o homem superior, formado de alma e de espírito.

Conhecendo-nos a fundo, podemos facilmente determinar nossas tendências inatas que nos atraem para um determinado tipo de trabalho. Cada trabalho que corresponde a nossas tendências inatas, nos é agradável; nós o realizamos com alegria, e ele é coroado de êxito. Pelo contrário, o trabalho que nos é imposto contra nossa natureza, torna-se um suplício que deteriora nosso estado moral e psíquico.

É nefasto ao homem aceitar uma posição contrária à sua índole; suportar um trabalho contra sua natureza; estudar coisas pelas quais não tem dotes naturais; manter amizade com pessoas com as quais não tem afinidade (ALFABETO).

Skovorodá lembra freqüentemente as palavras de Epicuro: “Sejamos reconhecidos a Deus que fez fáceis as coisas indispensáveis e difíceis as supérfluas” (NARCISO).

Quanto mais o homem concorda com Deus, tanto mais paz e alegria possui. Isso é “viver segundo a natureza” (ALFABETO). Nem a riqueza, nem a posição, nem o meio ambiente são capazes de nos proporcionar a felicidade.

Somente a paz de espírito é que nos torna felizes. Esta não se pode obter pelas coisas exteriores e sim pela descoberta de nós mesmos, quer dizer: do homem superior que é a melhor parte de nós e que nos conduz infalivelmente pela vida, tirando-nos o medo da morte.

O homem tem “duas vontades”: a vontade má que é fundada nos prazeres comuns, na mentira, na exploração e nos outros atos sem lei; e a vontade boa, fundada sobre os atos de amor, de trabalho, de ocupação criadora. Decisiva na vida do indivíduo é a medida justa e o contentamento com os frutos de seu trabalho. Nisso consiste também a alegria (ERODY AGRADECIDO, COTOVIA MODESTA).

O mundo dorme. O cristão deve acordar dentre os mortos e subir a montanha alta. (A montanha, conforme a alegoria colhida dos Livros Sagrados, é a purificação, o aperfeiçoamento. A imagem da montanha significa, também, Igreja) (DIÁLOGO SOBRE O MUNDO ANTIGO). Despidendo o Cristianismo apenas de rituais exteriores, devemos viver o Cristianismo de verdade. Muitos procuram a Cristo num outro lugar, sem procurá-lo dentro da própria alma. São os mortos, pois Cristo é a vida. Só Deus é necessário ao homem, nada mais (ACORDAI).

Aprender sobre Deus, é aprender sobre a paz, a felicidade, a sabedoria. Os que encontram Deus, são alegres, como Davi diante da Arca de Aliança; porém nem todos enxergam o que vêem. “As cores numa pintura, todos as vêem, mas para perceber o delineamento e a vida, é necessário um outro olho, não aquele que está cego para os matizes. O tom de um instrumento musical, cada ouvido o escuta, mas para sentir o prazer da secreta concordância, é necessário possuir um ouvido próprio e captar uma mensagem oculta que se manifesta ao coração cheio de alegria” (PORTA PRINCIPAL).

Na CONVERSA ENTRE CINCO PEREGRINOS (que deveria se chamar, segundo a determinação posterior do autor, MARKÓ SIMPLÓRIO), Deus é identificado com a Natureza, com o Amor. No entanto, seria errado colocar Skovorodá entre os panteístas, já que em todos os outros escritos ele define o Ser Supremo como a “natureza invisível”, a sabedoria eterna, à qual os homens devem

levar como dádiva sua fé, procurando com humildade e temor desvendar o significado oculto dos Livros Sagrados, sem travar combates com os outros procuradores da verdade, pois que uma atitude intolerante está em desacordo com a lei principal de Cristo: a lei do amor. A lei divina é como uma árvore, a tradição — como sua sombra. Assim também é a relação entre a coisa visível e a essência (SOBRE A SANTA CEIA OU A ETERNIDADE).

Skovorodá vê com benevolência o povo simples e a tradição, mesmo as cerimônias, os costumes, pois estes estão ainda repletos de sabedoria eterna. O livro AXA diz o seguinte: “Eu gosto de ver cerimônias, elas não me são desagradáveis. Não discuto seu valor, pois que elas são capazes de inspirar uma alma boa e inteligente. Mas sei que acima de tudo amo a caridade e a visão de Deus.” O filósofo se define aqui como místico. Ele lembra as palavras: “Eu quero caridade, não sacrifício.” A seu ver, a Bíblia é mal compreendida por muitos. Tomando-a como ela se mostra, ao pé da letra, é um livro terrível, sangrento; no entanto, como código de mensagens ocultas, ela se torna mediana entre Deus e homem.

Aqueles a quem o filósofo não tolera, são os que deveriam dar o vivo testemunho da sua fé, mas não o fazem: os eruditos vaidosos, os novos fariseus, os apegados à vida vã e luxuosa. os mesquinhos interpretadores da Bíblia que não distinguem entre o significante e o significado, entre a imagem e o sentido da mesma.

A Bíblia, segundo seu pensamento, se situa entre o macrocosmo-universo e o microcosmo-homem: ela é o mundo de símbolos. O começo do Evangelho de São João, “No princípio era Verbo”, é interpretado neste sentido: a Bíblia é o Verbo divino. “A Bíblia é um poema”, diz o ÍCONE DE ALCIBÍADES. “Ela se assemelha a um rio sinuoso, um campo cheio de espinhos, uma água amarga, quando está sendo lida como uma história de atos humanos. No entanto, por sob sua casca mundana, existe escondida a sabedoria eterna. Céu, lua, sol, astros, tarde, manhã, nuvem, arco-íris, ave, animal, homem e o resto são estas as imagens das alturas. da sabedoria celeste, mostrada a Moisés na montanha. Todas estas coisas e to-

dos estes seres são signos que ilustram a eternidade” (ANEL).

A exuberância barroca das palavras skovorodianas é geralmente disciplinada pela ordem do pensamento iluminista. Pode ser que em alguns casos as explicações do filósofo sejam, para o pensamento moderno, um tanto obscuras, devido à quantidade de figuras retóricas, como ocorre no livro A MULHER DE LOT. É também evidente que Skovorodá assimila entre seus pensamentos pronunciamentos de outros filósofos e recorre às doutrinas de Epicuro, Platão, Sêneca, Zoroastro, Santo Agostinho, São Paulo, o papa Gregório Magno e outros, mas fazendo assim, ele sente que as cordas do seu instrumento ressoam tocadas pela vibração dos espíritos irmãos. “O verdadeiro sacrifício é matar o pecado dentro de si. Altares, tronos, palácios, carruagens, prata, ouro — tudo isso são coisas perecíveis. Queres ser Cristo? Para que procuras sua túnica? Queres ser imperador? Para que almejas sua mirra, sua coroa, seu cetro, sua guarda? Isto são apenas sombra e máscara. Procura em ti o coração imperial!” (CONVERSA BIPARTIDA).

Ao contrário das idéias de “igualdade”, do fim do século XVIII, Skovorodá mostra a humanidade não como uma massa uniforme igual, e sim como composta de indivíduos, dos quais cada um forma um microcosmo. Ele apresenta a fórmula de uma “igualdade desigual”:

“Deus parece uma rica fonte de repuxo que enche os diversos vasos, conforme seu volume e sua cavidade. Sobre a fonte há uma inscrição: *Igual desigualdade para todos*. Os diversos tubos da fonte jorram água para os diferentes vasos, dispostos em torno da mesma. Um pequeno vaso possui pouca água, mas é igual a um outro maior, por estar cheio como aquele. O que se pode imaginar de mais insensato do que uma igualdade igual que os imbecis querem introduzir sem sucesso neste mundo?” (ALFABETO).

A forma discursiva preferida por Skovorodá é o diálogo. No livro NARCISO, os amigos Filon e Ami discutem a eternidade:

— Estudemos a eternidade. A que parece o verdadeiro homem de Deus, feito carne?

— A uma espiga de trigo, cheia e boa. Será que se trata de talo e de folhas? Elas não são a espiga. A espiga contém tudo. É a força que mantém o talo, as folhas e a espiga com sua palha. Acaso não está tudo isso escondido dentro dos grãos, e não brota isso na primavera, mudando a velha veste amarela por uma bela veste verde? Não é a força do grão invisível? Sim, é ela que age quando apodrece tudo aquilo que é superficial no grão, para que ninguém atribua a nova procriação à terra material e insensível, mas que toda a glória seja dada a Deus invisível que age por sua mão misteriosa.

Olha agora o ser humano. Tu não viste antes, na espiga, outra coisa a não ser a palha. Tu percebeste agora no grão aquilo que não observaste antes. Então, cuida de perceber dentro do homem aquilo que era antes invisível para ti. . .

“A bomba não é perigosa por seu ferro, mas por sua pólvora, ou antes: pelo fogo escondido invisivelmente na pólvora. . . Um cheque de fiança não é perigoso pelo papel ou pela tinta, mas pela obrigação que ele contém. . . Um rei de forças fracas domina as forças exuberantes de seus súditos. . .” (ALFABETO). “Uma parede de madeira cada um pode ver. Mas o ar que a gente não vê, as pessoas o consideram por um nada. E, no entanto, as aves se apóiam no ar. Ele é mais duro do que o ferro. Ele é tão importante que sem ele nem respirar podemos. Ele quebra árvores, derruba casas, empurra navios, devora ferro e pedras, aumenta e diminui a chama. . . Assim, nós nos enganamos, mesmo em coisas pequenas. . .” (NARCISO). Da mesma maneira o ÍCONE DE ALCIBÍADES fala sobre a importância do pequeno e oculto.

A obra NARCISO interpreta de maneira pessoal o mito grego antigo; Skovorodá costuma fazer isso com todos os seus tratados filosóficos; as imagens e os nomes da Antigüidade são transformados em símbolos novos: isso se dá com AXA, MULHER DE LOT, ÍCONE DE ALCIBÍADES, ANEL, DILÚVIO DA SERPENTE. No caso de NARCISO, conhecer-se, encontrar-se, achar dentro de si o homem superior — é a mesma coisa.

Narciso apaixona-se por sua própria beleza. Skovorodá o coloca como um exemplo a seguir: cada ser deve

procurar dentro de si a beleza escondida e amá-la, pois esta é a imagem de Deus no ser humano. A natureza oculta é a verdadeira força. O corpo terreno é perecível, mas existe um outro: espiritual, eterno, feito à semelhança divina, perene como a força escondida num grão de trigo ou na semente de uma figueira. O que morre é apenas o invólucro, a casca, o acessório. No ANEL, Ghryghory diz a seu amigo Atanasy: “Não vês, meu amigo, que o invisível é o mais forte de que o visível e que o visível depende do invisível?”

Segundo o pensamento iluminista, também Skovorodá acreditava que o homem, por sua natureza, era bom, mas que responsáveis pela sua maldade eram a riqueza e a procura do poder e do prestígio; então: falhas morais, individuais (DISCUSSÃO DE DEMÔNIO E BARSAVA).

“Santo Máximo diz, e eu estou completamente de acordo, que Deus criou as coisas boas. Como isso, se nós vemos em torno de nós apenas ruindades? É assim: se alguém colocar botas na cabeça e um chapéu nos pés, é ridículo; mas as botas e o chapéu, em seu lugar devido, são coisas úteis.”

No ALFABETO, Skovorodá frisa a necessidade de viver segundo sua natureza, chegando a exaltar a importância da vocação:

“Vejam os um rapazinho que confecciona um brinquedo, talhando um jugo de bois, atrelando nele gatinhos ou cachorrinhos. Não se manifesta no seu jogo a sombra da alma de um fazendeiro? Ou, então, um outro garoto que cinge um sabre à cintura. Não é um pequeno guerreiro que se revela nesta criança? E quando um menino, a partir de seus três anos de idade, aprende por ouvido canções religiosas, ama olhar os livros sagrados, folhear nestes livros e contemplar as imagens cheias de mistérios para ele, ou a escrita, — não contém ele uma centelha da natureza que o chama para os estudos teológicos? É apenas necessário compreender para que nascemos. Preferível é ser um gato natural do que um leão com a natureza de um burro. A procura exclusiva de lucros materiais, de ganhos monetários, dentro de uma profissão, são uma prova certa de que uma pessoa não trabalha segundo suas aptidões inatas e naturais...”

Na CONVERSA ENTRE CINCO PEREGRINOS, o filósofo condena a inércia dos senhores, criando o ideal de um ser humano ativo e de alta dignidade que não rasteje diante dos bens materiais. A inércia e o gosto vulgarizado são a causa da pobreza espiritual do homem.

“Todos aqueles que não se conhecem no fundo a si mesmos possuem apenas um ideal: chegar o mais rápido possível aos cargos mais brilhantes, sem considerar se estes cargos, que compreendem normalmente graves responsabilidades, estão de acordo com suas aptidões e se são verdadeiramente vantajosos para a sociedade e para si próprios. Uma única idéia os dirige: alcançar uma posição de destaque, tornar-se ricos... É isso que transforma os governos em tortura de súditos, a jurisprudência em exploração, as guerras em carnificina, a ciência em utilização de maldades... Se um lobo toca flauta, o urso dança e o cavalo traz o bastão para seu dono, não podemos conter o riso. Cada inconveniência inocente faz rir. Mas se o lobo torna-se pastor, o urso — monge e o cavalo — conselheiro, isso não é mais anedota, é uma catástrofe... Ah, se nós pudéssemos compreender como isso é nefasto para a sociedade!” (ALFABETO).

É necessário saber limitar-se ao domínio da vocação, não querer ser mestre em todas as profissões. Com este propósito, Skovorodá conta a anedota sobre Alexandre Magno:

“Enquanto Alexandre Magno conversava na casa de um pintor sobre o assunto que lhe era conhecido e para o qual nasceu, todos o ouviam com admiração; depois ele principiou a opinar sobre pintura; mas quando o pintor lhe sussurrou ao ouvido que até os misturadores de tintas começavam a rir dele, logo calou-se. O homem inteligente sentiu que não teve tempo de penetrar nos mistérios da pintura, embora os outros não tivessem a inteligência de Alexandre. Muitos julgam sem pensar todas as profissões, sem se dar conta que a vida humana mal é suficiente para aprender sequer uma delas bem” (ANEL).

O filósofo ucraniano dá grande valor a mulheres, considerando-as mais sensíveis e mais aptas para o vôo às alturas. Em MULHER DE LOT lemos: “Deus deu à mulher duas asas da grande águia.”

A obra de Skovorodá possui uma riqueza de aforismos, originais e colhidos do folclore, em língua ucraniana antiga e em língua latina:

“De todas as perdas, a perda de tempo é a mais grave” (Carta a M. Kovalinsky).

“Confiado-te ao mar, deixas de te pertencer” (Carta a M. Kovalinsky).

“Somos parecidos com o galã que se preocupa com as botas, não com os pés; com a bonita boina, não com a cabeça; com a bolsinha bordada, não com as moedas” (Carta a Arfém Doroféiovitch).

“O melhor companheiro da velhice é a sabedoria” (Carta a M. Kovalinsky).

“Cava dentro de ti aquele poço, cuja água abastecerá tua casa e a de teus vizinhos!” (Carta a M. Kovalinsky).

“O belo é difícil” (Carta a M. Kovalinsky).

“Não peças chuva e sim boa colheita!” (ALFABETO).

“Segura o porto, despreza presentes da massa!” (A M. Kovalinsky).

“Diferentemente canta-se na igreja e no carnaval” (CONVERSA BIPARTIDA).

Skovorodá amava sua gente, sua terra. Falando sobre os lugares da Ucrânia que lhe eram caros, numa carta a Y. Pravytsky, exclama: “Que se alegrem tuas montanhas e que os rios batam palmas!” Numa outra carta ao mesmo destinatário queixa-se do “fedor das lareiras moscovitas”, às quais atribui seu resfriado. No entanto, era longe de considerações mesquinhas ou de ódio, embora reconhecesse que sua pátria estava sob o domínio de “dragões e crocodilos”. Na sua ode latina “De libertate”, mostra-se admirador do ghet'man ucraniano Boghdán Khmelnytsky.

Discursando sobre o sentido da verdadeira felicidade, Skovorodá utiliza-se de linguagem saborosa, acessível ao povo simples. Ele chama a si mesmo de “caçador da ave-verdade” (ALFABETO). Frequentemente, seus escritos sérios são iluminados pelo humor do seu povo. Eis alguns exemplos:

Aqueles que não sabem reconhecer suas aptidões naturais, o filósofo compara com a bruxa que sabe o que se cozinha nas panelas das outras, mas na sua própria casa está cega, inerte e faminta (CONVERSA ENTRE

CINCO PEREGRINOS). Numa outra ocasião, querendo dar um exemplo de motivo preciso, lembra que o marido não bate na sua mulher pelo fato de que esta esteve na festa e bebia cerveja, e sim porque pernoitara fora da casa. Na mesma conversa, Skovorodá compara a razão humana com a gata do velho. Este acendeu o fogo na lareira, mas a gata não quis descer do seu lugar aconchegante, até que o velho a tirou à força e lhe aplicou uma sova de vassoura.

“A riqueza sufoca palavras divinas; quando na alma vicejam batata e repolho selvagem, arranca-os!” diz uma carta a M. Kovalinsky. E uma outra: “Conheço um sapa-teiro que durante dois ou três meses rigorosamente observa o costume de não beber cachaça; mas depois de terminado o jejum, num dia só traga tanto quanto podem esvaziar três mulas enormes ou três burros arcádicos, esgotados de sede.”

Ainda numa outra carta a seu jovem amigo M. Kovalinsky, o filósofo chama-se a si mesmo “asno entre os sofistas” e declara compreender a arte destes “como um burro a música da lira”.

Em COTOVIA HUMILDE que é uma fábula com vários ensinamentos, encontra-se a deliciosa lenda sobre a deusa Astraia que visita um casal de ucranianos, Manoi e Kaska. Ambos querem receber devidamente a hóspede, tentando apanhar um ganso e sacrificá-lo para o almoço, mas são de tal maneira desajeitados e briguentos, que a própria deusa intervém, e o casal acaba oferecendo-lhe apenas ovos mexidos e mingau de centeio, o futuro prato costumeiro dos ucranianos. . .

É impressionante a quantidade de alegorias, símbolos, emblemas, metáforas, sinônimos empregados pelo autor, um dos inspirados gênios lingüísticos da antiga literatura ucraniana. Nas suas poesias, Skovorodá tem todas as características barrocas, cantando o tema de vaidade do mundo e utilizando-se de repetições, paralelismos, hipérboles, anáforas e outras figuras de intensificação. Ele fala de “mãe-solidão”, chama Cristo de “gládio celeste”, e a comparação: “O sofrimento me devora como a traça a roupa, como a ferrugem o aço” trai antes um requinte da moda de que um sentimento autêntico da parte

de alguém que vivia com cândida alegria no meio da bela natureza viçosa do Norte da Ucrânia.

No campo de fábula, Skovorodá se tornou precursor de outros escritores ucranianos, tais como Petró Artemowsky Ghulák, Yewghén Ghrebinka, Leonyd Ghlibow. De certo é Skovorodá, como reconheceram Iván Frankó, Pawló Tytchyna, Maksym Rylsky, o maior escritor da antiga literatura ucraniana, entre o poema épico CANTO SOBRE A CAMPANHA DE IGHOR, do começo do século XIII, até ENÉIDA de I. Kotlarewsky, do século XVIII. Alguns escritores russos, além dos mencionados antes, M. Gorki estimavam sua obra. Leo Tolstói confessou: “Muita coisa na sua visão do universo é bem próxima a mim. Reli suas obras recentemente. Sua biografia é talvez ainda mais bela que suas obras, mas que lindas são as obras!”

O que poderia ser semelhante entre a filosofia de Skovorodá e a de Tolstói? Em primeiro lugar, sua visão do reino dos céus: Para Skovorodá, o reino dos céus está em nós como a fonte nas entranhas da terra, diz o livro AXA. Tanto o filósofo ucraniano, quanto o pensador russo amavam o povo simples e acreditavam que freqüentemente nem os sábios possuem o intuito da alma humilde de um camponês. A seguinte história de Skovorodá bem que seria capaz de influenciar o conto de Tolstói TRÊS ANCIÃOS:

“O iletrado Markó chegou ao paraíso. São Pedro saiu com as chaves e abriu-lhe a porta, perguntando:

- Aprendeste a Liturgia sagrada?
- De maneira nenhuma, — respondeu o simplório.
- Estiveste na Academia?
- Nunca, santo pai.
- Leste os livros dos doutores da Igreja?
- Não li, pois não conheço uma letra sequer.
- Quem te dirigiu, então, para o caminho da paz?
- Foram as três regrinhas.
- Quais regrinhas?

— A primeira é esta: Tudo o que foi dado aos homens santos, é bom. A segunda diz: Tudo o que os pecadores receberam, não é grande coisa. E a terceira: O que não queres para ti, não desejes para os outros. A primeira e a segunda são caseiras; a terceira é a lei dos apóstolos,

dada para todos. A primeira gerou em mim a paciência e a bondade de Jó, a segunda me liberou de todas as tentações do mundo, e a terceira me uniu a meu Senhor interior.

O apóstolo o olhou com a face tão iluminada como o sol e disse:

— Ó alma abençoada e nobre! Entra na morada do teu Pai celeste e alegra-te eternamente. Tu te alimentaste de pouca coisa, mas foste muito saciado!”

X

Em torno de 1770, numa aldeia perto de Kharkiw, vagando pelos bosques, clareiras, campos, pomares, povoações e apiários, lendo a Bíblia sagrada e meditando, Skovorodá escreveu suas fábulas, onde ridiculariza a pompa exterior e louva a simplicidade sábia, o que nos lembra o provérbio popular ucraniano:

“O cogumelo se gabava de possuir um belo chapéu; porém o que vale este, se embaixo não houver cabeça?”

W. S.

FÁBULAS

I OS CÃES

Numa aldeia, na casa de um fazendeiro, havia dois Cães. Aconteceu, certa ocasião, um estranho passar em frente ao portão. Um Cão pulou para fora, latiu até que o desconhecido lhe desaparecesse da vista, e voltou para o sítio.

— O que lucras com isso? — perguntou o Outro.

— De qualquer maneira, estou matando o tédio, — respondeu o Primeiro.

— Mas nem todos os passantes são inimigos do nosso dono! — disse o Sábio. — Se assim fosse, eu não negligenciaria o meu serviço e latiria, apesar de que ainda me dói a perna, ferida pelos dentes do lobo na noite passada. Ser cão não é nada mau, mas ladrar para cada um é ruim.

MORAL: 1)

O sábio sabe o que recriminar, enquanto o tolo tagarela sem nexo.

1) Os ensinamentos morais, nas fábulas, foram abreviados.

II O CORVO E O PINTASSILGO

Nas proximidades de um lago, de onde espiavam rãs, sentado num ramo, cantava o Pintassilgo. Perto dele crocitava um Corvo. Vendo que o Pintassilgo não pretendia cessar de cantar, disse:

— Porque te enches tanto de ar, perereca?

— Porque me chamas de perereca? — perguntou o Pintassilgo ao Corvo.

— Pois és também verde, como uma delas.

— Se eu sou perereca, — respondeu-lhe o Pintassilgo, — tu és, na verdade, um sapo, pois teu canto lembra muito o coaxar dos sapos.

MORAL:

O coração e os costumes dos homens, não as propriedades exteriores, devem dar testemunho do que eles são. A árvore se conhece pelos frutos.

III AS COTOVIAS

Nos tempos antigos, quando as tartarugas ainda estavam aprendendo a voar com as águias, uma Cotovia nova encontrou-se junto daquele lugar onde uma das mencionadas tartarugas, como se conta na fábula do sábio Esopo, havia terminado seu vôo com grande zunido e estrondo em cima de uma pedra. A Cotovia assustou-se e, tremendo da cabeça aos pés, veio o seu pai:

— Paizinho! Perto desta montanha, pousou provavelmente uma águia, sobre a qual tu me disseste outrora ser o mais temível e o mais forte de todos os pássaros. . .

— Porque te parece assim? — perguntou o Velho.

— Paizinho! Quando ele pousou, eu não vira antes semelhante velocidade, e ainda não ouvira um tão grande zunido e estampido.

— Meu querido filho, — disse o Velho, — tu tens ainda uma sabedoria pequenina. . . Aprende, meu amigo, e sempre canta esta cançãozinha:

Não é uma águia quem voa altamente,
Mas sim aquele que pousa levemente. . .

MORAL:

Muita gente sem talento começa grandes obras e as termina mal. Bom propósito e bom fim são o selo de cada ação.

IV A CABEÇA E O CORPO (I)

O Corpo, trajado com pomposa, ostentativa veste e enfeites caros, gabava-se diante da Cabeça e fazia-lhe censuras por não carregar nem a décima parte daquele luxo que ele possuía.

— Escuta, tolo! Se teu ventre pode conter alguma sabedoria, então lembra-te: isso não se dá por causa de teu grande valor e, sim, porque não és capaz de te contentar com tão pouco quanto eu, — respondeu a Cabeça.

MORAL:

Esta fábula é para aqueles que construíram sua honra sobre o alarde apenas.

V O PINTASSILGO E O TENTILHÃO

O Pintassilgo, estando novamente em liberdade, encontrou-se com seu antigo amigo Tentilhão, e este lhe perguntou:

— Como conseguiste libertar-te, meu amigo? Conta-me!

— Por um milagre, — respondeu o Outro. — Um turco rico veio com seu servo à nossa cidade e, passeando por curiosidade pelo mercado, entrou na venda de pássaros de um comerciante, onde nós, cerca de quatrocentos em número, estávamos presos em gaiolas. O turco compadecido olhava por muito tempo como nós cantávamos uns diante dos outros, e finalmente perguntou ao dono da venda:

— Quanto queres por todos?

— Vinte e cinco rublos de prata, — respondeu este.

O turco, sem pronunciar uma palavra, pagou o dinheiro e, mandando passar a si uma por uma todas as gaiolas, soltava-nos, alegrando-se e olhando divertido em todas as direções, para onde nós nos dispersávamos voando.

— E o que te atraiu ao cativoiro? — perguntou o Companheiro.

— Comida doce e gaiola bonita, — respondeu o Felizardo; — mas agora, enquanto viver, agradecerei a Deus com a seguinte cançãozinha:

Melhor é a rosca com água.

De que o açúcar com mágoa!

MORAL:

Quem não gosta de encrencas, deve aprender a viver de maneira simples e modesta.

VI AS RODAS DO RELÓGIO

Uma Roda do relógio perguntou à outra:

— Dize-me, porque te movimentas não como nós outras, e sim em direção oposta?

— A mim, — respondeu a Primeira, — fez assim meu mestre, e com isso eu não apenas não vos perturbo, como até ajudo, para que o nosso relógio ande segundo a ordem da órbita solar.

MORAL:

As pessoas de diferentes inclinações naturais têm outros caminhos na vida. Porém todas têm por finalidade a virtude, a paz, o amor.

VII A ÁGUIA E A GRALHA

A Gralha perguntou à Águia:

— Dize, não te entendias voar como o vento todo o santo dia pelos vastos espaços do céu? Sempre elevando-te aos ares e descendo em espiral, irrequieta assim?

— Jamais eu desceria à terra se a lei da gravidade não me forçasse a fazê-lo, — respondeu a Águia.

— Pois eu não abandonaria o povoado, se fosse águia! — disse a Gralha.

— Assim faria eu também, se fosse uma gralha, — concordou a Águia.

MORAL:

Quem nasceu para divertir-se com a eternidade, ama a vida nos campos, nas florestas e nos pomares mais do que nas cidades.

VIII A CABEÇA E O CORPO (II)

— Como tu viverias, se não extraíesses de mim para ti seivas vitais? — perguntou o Corpo à Cabeça.

— É verdade, — respondeu a Cabeça, — porém, em recompensa, meu olho é tua luz, e eu te ajudo com conselhos.

MORAL:

O povo deve servir a seus dirigentes e mantê-los.

IX A FORMIGA E A PORCA

A Porca discutia com a Formiga qual das duas era mais rica. O Boi servia-lhes de testemunha e juiz auxiliar.

— Tens muito grão de trigo? — perguntou com sorriso zombeteiro a Porca. — Explica-te, prezada senhora. . .

— Tenho um punhado inteirinho dos grão mais puros.

Mal disse aquilo a Formiga, e a Porca e o Boi irromperam em gargalhada.

— Que seja o nosso juiz o senhor Boi, — disse a Porca. — Mais de vinte anos a fio ele exerceu o juizado com grande fama, e não é pecado afirmar que no meio de todos os seus confrades ele seja o mais pronunciado mestre de Direito e o mais primoroso aritmética e algebrista. Sua Excelência saberá com facilidade resolver a nossa discussão. Além de tudo, parece ser ele bastante hábil também em disputas latinas.

Depois de tais palavras, pronunciadas por um animal inteligente, o Boi logo pegou a sua máquina de calcular e, com a ajuda da multiplicação aritmética, chegou à seguinte conclusão:

— Como a pobre Formiga possui só um punhado de grãos, segundo o que ela própria admitiu de livre e espontânea vontade e, além do grão, nada mais consome, enquanto a senhora Porca possui um coxo cheio, onde estão contidos trezentos e mais um terço de punhados, então, por todas as leis de sensatez. . .

— Vossa Senhoria contou coisas erradas, senhor Boi, — interpelou seu discurso a Formiga. — Queira pôr os óculos e lançar gastos contra lucros na máquina de calcular. . .

O assunto provocou uma discussão e foi transferido à Corte Superior da Justiça.

MORAL:

Não é pouco o que basta para viver, pois a provisão e a riqueza são a mesma coisa.

X DUAS GALINHAS

Aconteceu uma vez que a Galinha Silvestre chegou voando à casa da Galinha Doméstica.

— E como vives, irmã, nas florestas? — perguntou a Doméstica.

— Exatamente como outras aves da mata, — disse a Silvestre. — Alimenta-me o mesmo Deus que alimenta os pombos selvagens.

— Mas estes sabem voar muito bem, — observou a Anfitriã.

— Isso sim, — concordou a Silvestre, — porém também eu vôo no mesmo ar e estou bem satisfeita com as asas que Deus me deu. . .

— Quanto a isso, irmã, não o posso acreditar de maneira nenhuma, — disse a Caseira, — pois eu mal posso alcançar, voando, aquele celeiro.

— Não a contradigo, — respondeu a Silvestre, — no entanto, repare bem, minha querida: desde os tenros tempos da infância a senhora só dignou-se de ciscar no estreme, enquanto eu sou obrigada, todos os dias, a exercitar-me no vôo.

MORAL:

Muitos que não possuem forças para fazer algo não acreditam que os outros o possam fazer. Inumeráveis são os que pela comodidade desaprenderam andar a pé. A aptidão inata se fortalece pelo exercício. Aprendizagem e prática são a mesma coisa.

XI O VENTO E O FILÓSOFO

— Que os diabos te levem, maldito! . . .

— Porque me insultas, senhor Filósofo? — perguntou o Vento.

— Pelo seguinte: — respondeu o Sábio, — mal abro a janela para jogar fora a casca de alho, tu tão fortemente bafejas com teu pestilento hálito que tudo na mesa e no quarto se espalha para todos os lados. Além disso, tu viraste e quebraste o último cálice cheio de vinho, para não mencionar que sopraste fora o tabaco do meu papelinho, encheste de lixo a comida que eu pretendia comer após o trabalho . . .

— Mas sabes tu, — disse o Vento, — quem sou eu?

— Como eu não saberia quem é um da tua espécie! — exclamou o Físico. — Que os aldeões componham fábulas sobre ti! Pois eu, depois de ter estudado os planetas do céu, não darei mais atenção a ti. Tu és apenas uma sombra vazia . . .

— Se eu sou sombra, — disse o Vento, — então junto de mim existe também um corpo. É verdade que sou sombra, e a invisível força divina em mim é meu verdadeiro corpo. Como então não devo soprar quando me move o Criador de todas as coisas, o invisível Ser que contém tudo?

— Sei, — disse o Filósofo, — que em ti reside um ser, e que este ser é inocente, enquanto tu és apenas um vento.

— E eu também sei, — retrucou o Vento, — que tu tens exatamente tanta sabedoria quanto aqueles dois aldeões um dos quais me saudou com seu trazeiro, levantando a veste, porque eu espalhava o trigo que ele pe-neirava. O outro me fez uma reverência semelhante quando eu não lhe permiti erguer um amarro de feno. Tu és digno de ser seu presidente.

MORAL:

Quem se zanga sobre o tempo ou a colheita, se er-gue contra o próprio Deus que tudo organiza.

XII O ESMERIL E A FACA

Uma Faca conversava com um Esmeril.

— Evidentemente, tu, irmão, não gostas de nós, já que não queres tornar-te faca, entrando em nossa confraria.

— Se o meu propósito não fosse afiar, — disse o Esmeril, — então eu me valeria de vosso conselho. Porém eu vos amo justamente pelo fato de não querer ser um de vós. Pois, evidentemente, tornando-me faca, nunca sozinho eu poderia cortar tanto quanto podem todas as facas e espadas que eu afiar durante a minha vida. E em nosso tempo há muita necessidade de esmeris...

MORAL:

Há pessoas que não querem entrar para o exército ou contrair matrimônio, para que, com inteira liberdade, possam ensinar aos outros a virtude sábia, sem a qual nenhum estado é perfeito.

XIII A ÁGUIA E A TARTARUGA

Pousada num carvalho inclinado sobre a água, estava uma Águia e, nas proximidades, uma Tartaruga pregava à sua irmandade:

— Que o diabo carregue o voar! Nossa finada bisavó, que Deus lhe dê descanso no céu, acabou assim, como se sabe da história, pois começou a tomar aulas desta maldita ciência com uma águia. O próprio Satanás inventou aquilo...

— Escuta, boba! — interrompeu sua pregação a águia. — Tua inteligentíssima avó não morreu pelo fato de voar, mas pelo fato de ter querido aprender algo que não era de sua natureza. Pois voar não é pior do que rastejar.

MORAL:

A procura de honras e de prazeres levou muitos a uma condição que é contrária à sua natureza. Quanto mais inadequada, mais nociva.

XIV A CORUJA E O TORDO

Mal os pássaros perceberam a Coruja, começaram a bicá-la de todos os lados.

— A senhora não fica indignada, — perguntou o Tordo, — que a hostilizem sem a menor culpa? Não é estranho aquilo?

— Nem um pouco, — respondeu a Coruja. — Eles fazem a mesmíssima coisa entre si próprios. E no que se refere à hostilidade, ela é para mim suportável pelo fato de que, embora me belisquem pegas, corvos e galhas, a águia e o mocho não me ofendem e, além disso, os habitantes da cidade de Atenas me honram.

MORAL:

Melhor é ser amado por um sábio e bom do que por mil tolos.

XV A SERPENTE E O SAPO

Quando a Serpente, na primavera, mudou de pele, foi vista por um Sapo.

— Como a senhora se tornou jovem! — exclamou ele admirado. — Qual é a causa? Por favor, dê-me a receita.

— Com prazer lha darei, — replicou a Serpente. — Siga-me!

Ela guiou o Sapo a uma brecha estreita, pela qual antes, passando com grande dificuldade, tirou de si a velha veste.

— Eis, senhor Sapo, queira rastejar por este corredor estreito. Logo que conseguir passar, há de se renovar e deixará do outro lado tudo que é supérfluo.

— Será que queres me sufocar aqui? — gritou o Sapo. — Mesmo que eu conseguisse passar por aquilo, arrancaria a minha pele inteira. . .

— Peço desculpas, — disse a Serpente. — É o único caminho para conseguir o que eu consegui.

MORAL:

Quanto maior o bem, de maior esforço, como por um fosso, está cercado. Quem não passar pelo esforço, não alcançará o bem.

XVI AS RÃS

Quando secou o lago, as Rãs pularam fora para procurar uma outra morada. Achando-a finalmente, todas exclamaram:

— Ah, que enorme lago! Ele será o nosso eterno paradeiro! — E pularam todas para dentro.

— E eu, disse uma delas, — resolvi viver numa das fontes que preenchem o vosso lago. Estou vendo lá longe uma colina coberta de mata que envia para cá muitos riachos. Espero encontrar ali a fonte para mim.

— Para quê, titia? — perguntou uma Rãzinha.

— Pelo seguinte, meu bem, que os riachos podem mudar de rumo, e o vosso lago pode também secar. A fonte, a meu ver, é sempre mais esperançosa do que uma poça de água.

MORAL:

Todo prazer pode empobrecer e secar, como um lago. Apenas uma ocupação honesta dá segurança para uma vida singela mas tranqüila. Inúmeros ricos, a cada dia, se transformam em mendigos! Neste naufrágio, a única salvação é o trabalho. A cabeça, o olho, a alma de todas as doutrinas é aprender a viver uma vida correta, baseada em leis da fé e do temor a Deus. Isso é a fonte que gera riachos das leis dos cidadãos.

XVII AS DUAS PEDRAS PRECIOSAS

Certa Esmeralda, possuidora de altas qualidades e gozando de grandes privilégios na corte real, escreve a seu amigo, o Diamante:

“Meu caro amigo! Sinto imensamente que não cuides de tua fama e vivas escondido entre as cinzas. Conheço bem os teus talentos; eles merecem destaques e devem ser vistos por todos. És semelhante a um candeeiro aceso, escondido sob a mesa. De que valerá o nosso brilho se não alegrar os olhos do povo? Desejo-te tudo o que há de melhor e permaneço tua amiga. — Esmeralda.”

Resposta:

“Caríssima amiga! Se nosso brilho for evidente demais, excitará a vaidade das pessoas. Elas devem admirar o céu luminoso e não a nós que apenas somos seu débil reflexo. O valor e a honra estarão sempre dentro de nós. Os lapidadores não nos dão estas qualidades; eles apenas as revelam. Elas não se tornam maiores pela posição que ocupam ou pelos louvores humanos e não ficam menores pelo desprezo, pelo esquecimento, pela zombaria. Sem mais, permaneço teu amigo. — Diamante.”

MORAL:

O valor e a honra são idênticos. Quem não os tiver dentro de si, aceitando a impostura, assemelha-se a um diamante falso e a uma moeda falsificada. Inteligência, sabedoria, piedade, generosidade, justiça, perseverança e virtude — eis o nosso valor e toda a nossa honra. Existe um velho provérbio que diz: “O tolo busca a evidência, enquanto o sábio é notado mesmo que esteja escondido.”

XVIII O CÃO E A ÉGUA

Uma Égua que foi adestrada em usar vestes, muito se gabava disso. Ela detestava Mercúrio, como se chamava o Cão de caça e, querendo acabar com este, sempre o ameaçava com seus cascos trazeiros.

— O que lhe fiz eu, senhora Diana? — dizia o Cão à Égua. — Porque me detesta tanto?

— Miserável! Cada vez que eu exibo minha toilette em frente dos convidados, tu gargalhas mais alto que todos. Achas acaso ridícula minha arte?

— Desculpe, minha senhora, não escondo meu pecado que tenho vontade de rir até de um ato considerável se não for ele natural.

— Filho de uma cadela! Por que te gabas da natureza? Ó, simplório! Não sabes que estudei em Paris? Será que és capaz de compreender o que dizem os sábios: “A arte aperfeiçoa a natureza?” Quando e onde estudaste tu?

— Mãezinha! Quando a senhora aprendia com o famoso pater Pifix, a mim ensinou o todo-poderoso Pai celeste, presenteando-me com uma aptidão. Esta gerou a vontade; a vontade — o conhecimento; o conhecimento — o hábito. Por causa disso, talvez, minha profissão não seja ridícula e, sim, louvável.

Diana, não tolerando sua fala, preparava-se para um coice de retaguarda, mas o Cão de caça foi-se embora.

MORAL:

Sem a natureza, tudo é como sem caminho: quanto mais andas, mais te perdes. A natureza é a fonte eterna do desejo. Esta principal e única mestra ensina bem o vôo ao pássaro, o nado ao peixe. A arte aperfeiçoa a natureza. Mas quando não há natureza, então, diz: o que pode a arte aperfeiçoar?

XIX O MORCEGO E OS DOIS PASSARINHOS

Um grande animal que vive debaixo da terra, como uma toupeira, digamos: uma grande Toupeira, escreveu uma epístola melíflua às aves do céu e aos animais que vivem na terra. A mensagem foi a seguinte:

“Fico admirada por causa de vossa superstição que achou no mundo aquilo que nunca, em parte alguma, existe ou existiu: alguém vos soprou uma tolice, como se no mundo houvesse um certo sol! Ele é louvado em vossas obras, dirige vossos trabalhos, culmina os fins, adoça a vida, vivifica seres, ilumina as trevas, irradia luz, renova o tempo. Que tempo? No mundo existe só escuridão, um tempo apenas; outro tempo é bobagem, despropósito, disparate. . . Esta vossa asneira é mãe fecunda de outros absurdos. Mentem entre vós por toda parte: luz, dia, idade, raio, relâmpago, arco-íris, verdade. . . E o mais ridículo — vós venerais uma quimera que se chama olho, como se este fosse o espelho do mundo, companheiro da luz, recinto de alegria, porta da verdade. . . Eis a barbárie!

Caros amigos! Não sejais tolos: despi o jugo de superstição, não acrediteis em ninguém antes de apalpar. Confiai em mim: a vida não consiste em ver e sim em apalpar.

Em 18 de abril de 1774. Do mundo subterrestre — N.N.”

Esta carta agradou a muitos animais e pássaros; por exemplo, à Coruja, à Preguiça, ao Gambá, à Poupa, ao Açor, ao Mocho, menos à Águia e ao Falcão. E mais do que os outros, deliciava-se com este dogma soberbo o Morcego. Deparando ele com uma Rolinha e um Pombinho, esforçava-se por torná-los felizes com esta filosofia de alto quilate. Porém a Rolinha disse:

— Nossos pais são os melhores professores. Eles nos geraram na escuridão, porém para a luz.

E o Pombinho acrescentou:

— Não posso acreditar num embromador. Tu me contaste já antes que não havia sol no mundo. No entanto, eu, que nasci num tempo sombrio, no domingo cedo vislumbrei o nascer do bellissimo olho do mundo inteiro. Este mofo que bafeja de ti e da poupa prova que dentro de vós mora um espírito mau.

MORAL:

Luz e trevas, passageiro e eterno, fé e descrença compõem o mundo e se completam. Quem é treva que seja treva, mas o filho da luz que seja luz. Pelos seus frutos serão reconhecidos.

XX O CAMELO E O VEADO

O Veado africano alimenta-se freqüentemente de cobras. Depois de comer à vontade e tendo agüentado a sede por causa do veneno que ardia em seu interior, mais rápido do que as aves, ele correu para os riachos dos altos montes. Então reparou num Camelo que bebia água barrenta de um córrego.

— Para onde corres, senhor Galhudo? — perguntou o Camelo. — Vem beber comigo deste ribeiro!

O Veado respondeu que não podia beber com prazer uma água barrenta.

— Vossa confraria é muito mimada e caprichosa. Eu prefiro água turva. Para mim ela é mais doce.

— Acredito, — disse o Veado, — mas eu nasci para beber água mais cristalina, da fonte. Este córrego há de me conduzir até sua nascente. Passe bem, senhor Corcunda!

MORAL:

A Bíblia é a fonte. Quem é camelo, bebe o turvor das palavras gastas, sem alcançar a nascente. Palavra, nome, símbolo, roteiro, pegada, pé, casco, expressão — são portas corruptíveis que levam à fonte perene. Quem não separa os signos da fala em corpo e espírito, não pode distinguir água da água, a beleza dos céus da do orvalho.

XXI O CUCO E O TORDO

O Cuco veio voando junto ao Tordo preto.

— Não sentes tédio? — perguntou. — O que fazes?

— Canto, — disse o Tordo. — Não ouves?

— Eu canto mais freqüentemente de que tu, mas mesmo assim sinto tédio.

— Tu, senhora, só fazes aquilo: colocas teus ovos nos ninhos alheios e voas de um lugar para outro, cantas, comes e bebes. Eu, porém, sozinho, alimento, protejo e ensino a meus filhos, e em meu trabalho alegro-me com minha cantiga.

MORAL:

Muitos, negligenciando a obrigação que lhes é natural, só cantam, bebem e comem. Nesta vadiação sofrem um tédio mais venenoso de que aqueles que trabalham sem parar. O nosso trabalho é fonte de alegria.

XXII O ADUBO E O DIAMANTE

Aquele mesmo Adubo, onde na Antigüidade o galo de Esopo achou uma pedra preciosa, admirava-se por causa do Diamante e perguntou com curiosidade:

— Dize-me, por favor, de onde te veio tão grande valor? Porque os homens te honram tanto? Eu fertilizo campos, pomares, hortas e sou, na verdade, criador de beleza e proveito, mas com tudo isso não recebo nem a décima parte de tuas honras.

— Eu próprio não o sei, — respondeu o Diamante. — Como tu, também eu sou da terra, e até de muito pior que a tua, pois ela é o carvão queimado pelo sol. No entanto, nas minhas águas secas, com grande beleza, resplandece o brilho solar, sem a força do qual toda tua fertilização é inútil, e todas as plantas morrem. Como diz o antigo provérbio: “No campo, o trigo nasce conforme o ano, não conforme a terra e o adubo.”

MORAL:

Os livros mundanos, sem dúvida, estão cheios de todos os proveitos e belezas. Se eles perguntassem à Bíblia por que razão, junto dela, não fruem nem da décima parte da honra e do prestígio, porque é a ela que se constroem altares e templos? — Eu própria não sei, — responderia ela. — Eu consisto das mesmas palavras e coisas que vós, até das piores e mais bárbaras. No entanto, nas minhas águas poluídas, como num espelho, brilha o invisível e o mais luminoso olho divino, sem o qual toda vossa utilidade é vazia e a beleza, morta.

XXIII O CÃO E O LOBO

Na morada do pastor Títero viviam em grande amizade dois Cães, Lewkón e Firidão. Eles eram famosos entre os animais selvagens e domésticos. Um Lobo, com inveja da sua fama, procurou uma oportunidade para oferecer-lhes sua amizade.

— Peço que tenham pena de mim e me estimem, meus senhores, — dizia com fingida cortesia o Lobo. — Os senhores me tornarão feliz se consentirem que eu me torne o seu terceiro companheiro. Tomarei isso por uma grande honra para mim.

Depois falou-lhes sobre seus famosos e ricos antepassados, sobre as doutrinas modernas, nas quais era perito pelo cuidado de seus pais.

— E se for considerado uma tolice gabar-se com os antepassados e com a educação, então possuo outras qualidades, para que os senhores me avaliem e estimem. Eu sou parecido com ambos e, na voz e nos pêlos, particularmente com o senhor Firidão... O antigo provérbio diz: “Deus conduz o semelhante junto ao semelhante.” Não escondo porém uma coisa: possuo a cauda igual a uma raposa e tenho um olhar de lobo.

Lewkón respondeu que Títero não era nada parecido com eles, no entanto era seu terceiro amigo, pois nada começa a fazer sem Firidão. Então Firidão disse assim:

— Tu te pareces conosco na voz e nos pêlos, mas teu coração é bem diferente. Nós protegemos as ovelhas, contentamo-nos com sua lã e seu leite, e tu tiras-lhes a pele do corpo, devorando-as em vez de comer o pão. Mais de tudo nos desagrada o espelho da tua alma, o pérfido olhar, que espia de soslaio este cordeirinho que está pastando perto de ti.

MORAL:

Descendência, riqueza, estado e parentesco, atrativos de corpo e de educação não são capazes de consolidar uma amizade. Só o coração em concordância com os pensamentos e a mesma virtude humanitária de almas que residem em dois ou três corpos — eis onde está o verdadeiro amor e a verdadeira identidade!

XXIV A TOUPEIRA E O LINCE

Segundo os contos de fadas, o Lince tem um olhar tão penetrante que trespassa com ele alguns pés do chão. Vendo um dia na terra uma Toupeira, começou a zombar de sua cegueira:

— Se tu, animalzinho indigno, tivesses ao menos a centésima parte do meu olhar, poderias penetrar até o centro da Terra. Assim apenas apalpas tudo, cego igual à noite sem lua.

— Por favor, não te gabes tanto, — respondeu a Toupeira. — Tu tens um olhar muito aguçado, porém tua inteligência é inteiramente cega. Se tens algo que me falta, também eu tenho algo que não possuis. Quando te gabas de teu olhar penetrante, não esqueces que eu tenho um ouvido não menos agudo. Eu teria há muito tempo olhos, se estes me fossem necessários. A eterna verdade da bem-aventurada natureza não ofende a ninguém. Ela age de maneira igual em todas as desigualdades, e colocou na sensibilidade do meu ouvido a força dos olhos.

MORAL:

A tolice na fartura se gaba e insulta, na desgraça se encolhe e cai no desespero. Em ambos os destinos ela é infeliz. Ora se endiabra, como na febre da loucura, ora cai dos pés, como carniça. Este disparate nasceu com aqueles que não aprenderam o reino dos céus e sua verdade, mas pensam que no mundo se passa tudo como num governo sem lei.

XXV O LEÃO E OS MACACOS

O Leão dorme sobre as costas e dormindo parece morto. Uma turba de diversos Macacos, considerando-o morto, aproximou-se dele e começou a pular e a brigar, esquecendo o temor e o respeito diante do seu velho rei. Quando chegou o tempo de acordar, o Leão se mexeu. Então, os Macacos, que vieram a ele por um caminho só, dispersaram-se por sete caminhos. O mais velho entre eles disse:

— Também os nossos antepassados não gostavam do Leão, mas Leão continua Leão até hoje e continuará séculos afora.

MORAL:

Leão é o signo da Escritura Sagrada, contra a qual se levantam sábios idólatras que a insultam. Eles pensam que ela está terminada e falam sobre uma morte natural, não considerando o fato de que em suas imagens passageiras se esconde a vida eterna.

XXVI A TRAÍRA E O CARANGUEJO

Uma Traíra, encontrando comida doce, engoliu-a gulosamente. De repente sentiu o anzol escondido no petisco que se engançou em seu interior. O Caranguejo viu isso de longe e, pela manhã, olhando a Traíra, perguntou:

— Porque estás tão triste, senhora? Onde está tua coragem?

— Não sei, irmão, estou desanimada. Pretendo, para me alegrar, nadar até o Danúbio. O rio Dnipró me dá tédio.

— Conheço a fonte de tua tristeza, — disse o Caranguejo. — A senhora engoliu o anzol. A partir de então, não te ajudarão nem o ligeiro Danúbio, nem o fecundo Nilo, nem o alegre Meandro, nem as asinhas douradas.

MORAL:

O Caranguejo diz a verdade. Sem Deus, também no além-mar não está bem, enquanto para o homem sábio o mundo todo é sua pátria. Ele por toda a parte está sempre feliz. Seu tesouro, ele não o procura nos lugares diversos, porém o carrega dentro de si. É seu sol, o tempo todo; é seu abrigo em toda a parte. Os atos sem lei são o anzol, envolvido na isca doce, que torna uma alma cativa.

XXVII A ABELHA E O MARIMBONDO

— Dize-me, Abelha, porque és tão tola? Não sabes que os frutos de teu trabalho não são tanto úteis a ti própria como aos homens que freqüentemente prejudicam a ti, dando em vez de prêmio morte a teus semelhantes? Tu, no entanto, não deixas com tua ignorância de colecionar o mel. Vós tendes muitas cabeças, mas sem miolo. Vê-se que todas estão irremediavelmente apaixonadas pelo mel.

— Tu és um grande tolo, senhor conselheiro, — respondeu a Abelha. — Até o urso gosta de mel, como o próprio Marimbondo não o recusa. Nós também poderíamos apoderar-nos dele à maneira de ladrões, como às vezes nossa confraria costuma fazer, se nós gostássemos apenas de comê-lo. Porém, nós sentimos um prazer muito maior em colecioná-lo do que em gastá-lo. Para isso é que nascemos e seremos assim até a morte. Viver de outra maneira, mesmo banhando-nos em mel, ser-nos-ia o suplício mais atroz.

MORAL:

A abelha é o emblema de homem sábio que se ocupa com o trabalho próprio da sua natureza. Muitos marimbondos dizem sem nexos: Para que estudar se o estudo não trará lucros? Esquecem que a ocupação para a qual nascemos é um prazer mais doce. O que é pior do que banhar-se em fartura e sofrer mortalmente sem uma ocupação que corresponde à nossa natureza? Não existe maior alegria que viver segundo a vocação.

XXVIII A CORÇA E O PORCO SELVAGEM

Nas montanhas húngaras ou polonesas, a Corça encontrou-se com um nativo Porco selvagem e saudou-o:

— Como passa, senhor Porco? Estou satisfeita por tê-lo encontrado. . .

— Como podes ser tão atrevida, tão mal educada? — exclamou, entufando-se o Porco. — Porque me chamas de porco? Pois não sabes que fui promovido a Cordeiro? Tenho a patente disso: minha família provém dos Castores mais nobres e, em lugar de um casaco simples, uso agora oficialmente uma pele de Ovelha.

— Desculpai-me, Vossa Graça, — respondeu a Corça. — De nada disso eu sabia. Nós somos uns simples e julgamos não pelas roupas, mas sim pelas ações. Vós, como sempre, refocilais na terra e quebrais as cercas. Desejo que sejais promovido a Cavallo!

MORAL:

Que demônio sussurou nos ouvidos dos tolos que seu título e sua veste modificam sua maneira de ser? Uma vida assim lembra um barco onde viajam trajados de gente macacos, nenhum dos quais sabe usar o leme. Nenhuma pessoa digna revolta-se tanto contra a honestidade, como estes. Um antigo provérbio grego diz: “Os macacos permanecem macacos até em vestes de ouro.”

XXIX A VELHA E O OLEIRO

Uma Velha foi comprar canecos. Lembrou-se ainda dos amores dos anos da juventude:

— Quanto custa este bonitinho?

— Pedirei por ele uns três vinténs, — respondeu o Oleiro.

— E este feioso custa, naturalmente, só um vintém. . .

— Por este quero não menos do que duas pratas.

— Que coisa!

— Entre nós, vovó, não se seleciona com os olhos, mas se escuta se tem um som limpo.

A Velha mordaz não podia nada retrucar; disse apenas que o sabia há muito tempo, apenas não se lembrou na hora.

MORAL:

Evidentemente, esta sábia Eva é bisavó de todos os fanfarrões que estimam uma pessoa pela veste, pelo corpo, pelo dinheiro, pelos palácios, pelo nome, — não pelos frutos de sua vida. Estes bisnetos possuem o mesmo gosto que ela, provando serem eles pomos desta macieira do paraíso. Um coração limpo, livre de inveja, misericordioso, paciente, corajoso, singelo, contido, pacífico, que crê em Deus e em tudo nele confia, — eis o som limpo e o preço justo de nossa alma!

XXX O ROUXINOL, A COTOVIA E O TORDO

No meio da estepe vasta, havia um pomar, morada de rouxinóis e tordos. Uma Cotovia veio voando até junto do Rouxinol.

— Bom-dia, senhor Cantador!

— Seja bem-vinda também tu, Louvadora, — respondeu-lhe o Cantor.

— Porque me chamas com teu próprio nome? — indagou a Cotovia.

— E porque me chamas de Cantador?

— Não foi em vão, pois teu nome entre os gregos antigos significava cantor.

— Teu nome entre os romanos antigos significava louvador.

— Sendo assim, eu te amo ainda mais e vim pedir tua amizade.

— Ó, simplória! Será que se pode mendigar amizade? É necessário ter nascido para ela. Eu canto frequentemente esta cançãozinha que meu pai me ensinou: “Deus guia o semelhante junto ao semelhante”.

— Meu pai também canta esta cançãozinha. Eu sou teu semelhante entre muitas coisas até nisso: tu cantas a Cristo, o Senhor de toda a criatura, e eu o louvo; nisso consiste o nosso jogo inteiro.

— Pois bem, serás minha amiga se vieres viver no pomar.

— Eu serei tua sincera companheira, se morares na estepe.

— Oh não! Não me atraias para a estepe, ela é minha morte. Como podes viver nela?

— Oh não! Não me atraias para o pomar, ele é minha morte. Como podes viver nele?

— Basta de discutir, irmãos, — disse o Tordo que estava sentado perto. — Vejo que nasceste para a amizade, mas não sabeis amar. Não procures o que te agrada, mas aquilo que é útil a teu amigo, então eu estou disposto a ser o terceiro companheiro vosso.

Depois, cada um cantou à sua maneira e confirmaram amizade eterna em Deus.

MORAL:

Os três pássaros simbolizam uma boa amizade. Esta não se pode conseguir pedindo, comprando ou forçando. Nós amamos aqueles que a natureza nos deu para amar, assim como nós nos alimentamos com aquilo que está de acordo com nossa natureza. Deus tem bom alimento para todas as criaturas, no entanto, não igual para todas.

ÍNDICE**Pg.****GHRYPHORY SAVYTCH SKOVORODÁ, POETA
E SÁBIO****7****FÁBULAS:**

I	OS CÃES	27
II	O CORVO E O PINTASSILGO	28
III	AS COTOVIAS	29
IV	A CABEÇA E O CORPO (I)	30
V	O PINTASSILGO E O TENTILHÃO	31
VI	AS RODAS DO RELÓGIO	32
VII	A ÁGUIA E A GRALHA	33
VIII	A CABEÇA E O CORPO (II)	34
IX	A FORMIGA E A PORCA	35
X	AS DUAS GALINHAS	36
XI	O VENTO E O FILÓSOFO	37
XII	O ESMERIL E A FACA	38
XIII	A ÁGUIA E A TARTARUGA	39
XIV	A CORUJA E O TORDO	40
XV	A SERPENTE E O SAPO	41
XVI	AS RÃS	42
XVII	AS DUAS PEDRAS PRECIOSAS	43
XVIII	O CÃO E A ÉGUA	44
XIX	O MORCEGO E OS DOIS PASSARINHOS	45
XX	O CAMELO E O VEADO	47
XXI	O CUCO E O TORDO	48
XXII	O ADUBO E O DIAMANTE	49
XXIII	O CÃO E O LOBO	50
XXIV	A TOUPEIRA E O LINCE	52
XXV	O LEÃO E OS MACACOS	53
XXVI	A TRAÍRA E O CARANGUEJO	54
XXVII	A ABELHA E O MARIMBONDO	55
XXVIII	A CORÇA E O PORCO SELVAGEM	56
XXIX	A VELHA E O OLEIRO	57
XXX	O ROUXINOL, A COTOVIA E O TORDO	58

